



Activamos novo web cos diários de prisom d@s pres@s independentistas.

ORGANISMO ANTIRREPRESIVO CEIVAR :: 07/04/2007

Em meses passados, os diários de prisom escritos pol@s independentistas Giana Gomes e Ugio Caamanho vinhérom sendo alojados em formato blogue, no antigo endereco <http://com-os-pes-na-terra.blogspot.com/>. Problemas de tipo técnico provocárom a perda, nesse sítio da rede, de todo o material escrito datado a partir da Primavera do ano passado, conservando-se apenas os diários abrangentes do arco temporal que ia de Agosto 2005 a Fevereiro 2006. Agora recuperamos em compilacom, no novo endereco-e anexado na ligacom inferior (que aginha estará disponível no apartado "ligacons" do nosso portal), todos os textos anteriores, aos quais iremos acrescentando aqueles que @s patriot@s pres@s nos enviarem dos seus destinos forcosos na Espanha.

Acompañamos esta noticia co último escrito que o Ugio Caamanho enviou para o exterior da sua estadia em isolamento no cárcere espanhol de Cáceres (antes de ser dispersado para Puerto de Santa María): um artigo de opiniom sobre "Os mitos e os movimientos":

"Leio Wu Ming, o autor colectivo que acolhe muitas intervencons políticas e literárias da esquerda extra-institucional, sobretudo na Itália, e a sua reivindicacom dos mitos como vozes corais dos movimientos. Vem-se-me um feixe de reflexons à cabeza.

Lembro-me entom das estupidezes que dizia Engels sobre o que ele chamava "povos sem história", que eram os povos que nunca foram independentes e estavam condenados a desaparecer pola vaga de progresso que atravessava a Europa. Eram raciocínios tam simplórios que nom merecem nem rete-los na memória; a mim ficou-me gravada, no entanto, a expressom. Povos sem história. É claro que era infeliz porque sim tinham história, naquela altura todos os povos a tinham e os que ele nomea, mais que nenhum outro; desgracada, isso sim. Mas, que povo poderia nom ter história? Se nos referirmos a um relato dos avatares colectivos no tempo, que comunidade humana deixa de elaborá-los nunca, e menos se os avatares som trágicos e frustrantes?

E porém parece que o tempo vai caminho de validar a expressom, se bem que com um significado totalmente distinto ao esperado. Possivelmente o ámbito nacional seja excessivamente grande e difuso para nos apercebermos do processo, ou em todo o caso a menor escala fica mais nítido: avonda com olhar a transformacom das cidades no último quartel de século, e mais especificamente a questom dos bairros. Nas nossas cidades, falar em bairros logo será um anacronismo, como declarar-se de tal ou qual paróquia na maioria dos casos. Existem ainda os bairros? Até no sentido físico há que duvidá-lo, desde que a desintegracom dos espacos da vida chegou ao ponto de que nenhuma parte da cidade é autónoma para estabelecer e acolher umha quotidianidade: o centro de trabalho está num canto da cidade, o lugar das compras noutro, o colégio mais longe, os mercados de ócio noutro, e o dormitório ainda fora da cidade, até quicá fora do município. O Santiago que se está a construir carece totalmente de bairros, ainda que seja pródigo em blocos de prédios,

áreas comerciais, e parques e jardins. A relação entre isto tudo e o império do carro privado é tão directa que não precisa explicação.

Mas além do plano físico, a prova palmária e desassossegante da extinção de bairros constitui-a o facto de os novos serem "bairros sem história". Não porque sejam recentes: porque não geram histórias. Nos bairros de verdade, como nas aldeias, acontecem coisas, e essas coisas são contadas uma e outra vez, repetidas e mitificadas em mil anedotas, conversas na taberna ou charlas de café, inculcando-se na memória das pessoas e transmitindo-se geracionalmente conformando a história do bairro, que inclui personagens (o "parvo da aldeia", por exemplo: existirá essa figura, sei lá, em "Aldea Nova"?), e épicos, tragédias e comédias. Eu acordo-me, por exemplo, das histórias de incêndios (com anedotas engraçadíssimas) e suicídios na Avança, ou de tantos outros lugares: quando quisséram impor um cura a uma paróquia e os vizinhos conseguiram botá-lo e trazer de novo o anterior, que fora castigado pela hierarquia; aquela vez que se armou terrível bronca no dia da festa por um assunto de dinheiro na comissão de festas, e desde então que Fulano de tal não pisava a taberna; a história do filho de tal, que se meteu na droga, se fez gatuno e agora está na legião, e todos estamos de acordo em que foi o melhor que pôde fazer porque ao menos os pais estão tranquilos...enfim, coisas assim. Haverá alguma coisa equivalente, ponho por caso, num dos últimos bairros residenciais que se estendem pela cidade? Em poucas palavras: terá acontecido ali qualquer coisa nos últimos anos? Muito temo que não. Nesses bairros dorme gente, mas nunca se passa nada. É dizer, sim passa, a gente vive a sua vida, atravessa as suas crises, as suas situações cómicas, até pode que emprenda as suas heroicidades, mas não são matéria de relatos e por consequência perdem-se no desagrado da memória privada, em geral, aliás, em solidão ou no divã dum dos muitos "especialistas".

A substância disto parece-me familiar: não se trata de que a gente perdesse a afeição aos relatos, senão que estes vivem no âmbito dumha comunidade e os novos bairros e urbanizações não são comunidade. São apenas uma soma de celulas com alarme e vigilância privada. Logo, tentar abordar o assunto atendendo à sua manifestação...digamos, literária, tem poucos visos de frutificar. Váia idiotia seria promover as histórias e os mitos nas tranquilas residências campestres dos funcionários do Estado, nem na versão "nacionalista" que tanto abunda. Se cumpre ser francos, ainda não vejo muito bem as conclusões que se podem tirar. Mas sim que há elementos que se deveriam levar em conta.

A necessidade de relatos deve ser um traço atávico das pessoas e não se apagou nesta época, por muito que mudasse a maneira de a satisfazer. Dedicamos a isso uma porção grande do dia, seja vendo filmes, sintonizando a rádio, lendo, consumindo notícias gerais ou de famosos, mesmo combinando com alguém para tomar-lhe algo (é dizer, para contarmos coisas). Em geral, predomina na actualidade a função passiva e o exercício solitário, o homem espectador. Também proliferam "soluções" individualistas para se exprimir: blogues que exibem a intimidade, lercheio ou assistência a "especialistas" que se enriquecem aproveitando-se do vazio das relações sociais. Temos dificuldade de falarmos com as pessoas próximas e pagamos-lhe a uma pessoa distante.

Contudo, a necessidade de contar e narrar está aí. Não cumpre criar nada, apenas orientar isto politicamente ou, como dizemos agora, "antipoliticamente".

O independentismo galego parece-se neste aspecto mais com umha urbanizacòm nas aforas que com um bairro ou umha aldeia. Nós poucas histórias contamos, como demonstra a incrível ignorância que todos padecemos a respeito de acontecimentos importantes, de épicas gloriosas, de fracassos atrozes e dos exemplos que mais merecem emulacòm na nossa história. Assistimos a palestras e mergulhamos nos textos da rede, mas pouco falamos e narramos. Um rapaz que hoje chegue ao movimento, se calhar, nom terá maneira de conhecer um relato da detençòm de Curto e de como se tirou pola janela na esquadra para nom revelar informacòm baixo torturas; nem tam sequera ouvirá falar das agressõs policiais das gaiteiradas de Fraga, da peleja das video-cámaras, dos centos de debates idiotas que tivemos em centos de assembleias, ou de como surgírom os centros sociais. Contamos poucas histórias entre nós e damos pouca ocasiom aos velhos de no-las contarem.

Há centos de experiencias mais valiosas que muitos manuais, aí mesmo, aguardando ser escuitadas e processadas. Como vivemos umha sociedade de pressa e desmemória, um ex-militante dos 80 já nos parece "um velho", e um activista dos 60 já nem existe para nós. Imos do trabalho ao web e do web à reuniom, e da reuniom à troula nocturna, cheia de ruído, droga e charla oca, e carente sempre de conversa. Tragamos informacòm como possessos, e ainda assi quase nem escuitamos. Corremos risco de ser, poluídos por estes hábitos sociais, um "movimento sem história".

Teríamos que pelejar mui seriamente contra esta deriva ao movimento como abstracòm política e ideológica, e à formacòm como "aula magistral" ministrada polos liderinhos de turno. Nom se trata de procurar solucons do tipo de p'r-se a escrever relatos ou investigacons sobre os nossos avatares -que tampouco estaria mal. O principal nom é isso, senom ter espacos e estimular hábitos que reclamem a actividade narrativa. Fomentar os autores colectivos; desmentir sem medo as categorias dos especialistas vários, como esses que se intitulam "poetas" ou "intelectuais" e parece que tenhem mais categoria para falar, obscurecendo todo o resto. E favorecer algo tam singelo como a tertúlia: os relatos em que todos contam porque, dumha maneira ou doutra, todos participárom.

Os de Wu Ming dizem que a sua revolucom "nom tem rosto", porque o rosto é o de toda a gente. Assi devemos de fazer com os nossos relatos. Menos conferencias, e mais conversas nos roteiros, à noite e à luz da fogueira, onde as palavras soam de outro jeito; mais ceias auto-organizadas, repartindo o trabalho e repassando o caminho que se leva andado; e mais encontros entre os velhos e os novos, tam infrequentes mas tam importantes para vermos como continuam enlacando-se os elos da cadeia, e para comprovarmos como muitos retos do presente já os viverom outros no passado.

Se pretendemos militar doutra maneira teremos que começar polo mais singelo: saber contar e escuitar colectivamente nos nossos pequenos espacos públicos, recriarmos os nossos mitos e transmitir-lhos a quem se inician na causa galega."

Podem-se consultar os blogues mais recentes do preso independentista acedendo directamente a

<http://www.ceivar.org/comospesnaterra/index.php?/categories/1-Ugio>.

Mais informacòm: <http://www.ceivar.org/comospesnaterra/>

O preso independentista galego Ugio Caamanho Sam-Tisso

https://www.lahaine.org/mm_ss_est_esp.php/activamos_novo_web_cos_diarios_de_prisom